

MARCOS HENRIQUE



O candidato do PT fala aos correspondentes estrangeiros: para ele, Brizola não quer que os trabalhadores se organizem

Lula acha Brizola retrógrado

Qual a diferença entre Lula e Leonel Brizola? Antes a pergunta de Richard Foster, um dos 18 correspondentes estrangeiros que entrevistaram o candidato do PT, durante uma hora, na manhã de ontem, Luiz Inácio Lula da Silva bateu duro em seu adversário: "O Brizola tenta repetir que o Getúlio Vargas é uma coisa a ser seguida. É o espelho dele, mas não é o meu. Afinal, Getúlio Vargas implantou no Brasil a carta Del Lavoro, que Mussolini implantou na Itália". Lula referia-se à Consolidação das Leis do Trabalho, assinada por Getúlio em 1943.

Entre as "muitas diferenças", Lula ressaltou ainda que Brizola não permitirá a ocupação de terras improdutivas pelos trabalhadores "sem-terra", caso seja eleito, instalando os trabalhadores na beira da estrada. "Onde não dá para plantar nada", provocou Lula, que se considera um candidato "motivado pela organização popular", enquanto Brizola não teria esta representatividade: "Para ele, quanto menos

forem organizados os trabalhadores, melhor".

Apesar das diferenças, Lula fez questão de frisar que "tudo isto é secundário" e que, caso Brizola vá para o segundo turno contra um candidato conservador, a união entre PDT e PT será natural. Ao ser indagado pelo correspondente do *New York Times*, se era comunista ou socialista, Lula provocou risos, apresentando-se, como sempre faz, como um simples torneiro mecânico, mas, explicando em seguida, que é um socialista. "Mas do ponto de vista eleitoral, isso não tem a menor importância, porque o povo não age ideologicamente".

DÍVIDA

"Como enfrentar a dívida externa?" Em diferentes angulações, esta foi a pergunta mais repetida pelos jornalistas, que estavam também preocupados com as propostas estatizantes de Lula. Ao afirmar que os pagamentos deverão ser suspensos,

Lula foi enfático: "Em algum momento na história de um país, ele tem de comprar uma briga até mesmo para ser ouvido e respeitado". Foi imediatamente aplaudido por quase uma centena de pessoas — entre elas, um numeroso grupo de faxineiros da Câmara dos Deputados — que assistiam à entrevista.

Thomas Kamm, do *The Wall Street Journal*, perguntou a Lula de onde virão os recursos para incrementar os setores de saúde e educação, considerados prioritários pela Frente Brasil Popular. Além de suspender o pagamento da dívida externa, Lula anunciou que pretende renegociar a dívida interna e tentar acabar com a sonegação de impostos no País, que, somente neste ano, seria de 40 bilhões de dólares.

Nem a falta de maioria no Congresso Nacional, por onde passarão obrigatoriamente todos os projetos do novo presidente da República, nem a grande expectativa gerada pela vitória de um candidato de esquerda, assustam Lula. Jacques Guiardan, da re-

vista francesa *Lie Express*, ouviu a seguinte explicação do candidato do PT: "A maior parte dos políticos brasileiros faz política por conveniência. Eles têm uma facilidade desgraçada de estar próximos do poder".

O candidato também negou que tenha criado uma expectativa, em seu eleitorado, de que poderá promover mudanças radicais, como uma rápida redistribuição de renda, a curto prazo.

MENEM

O candidato da Frente Brasil Popular à Presidência da República empenhou-se em estabelecer diferenças fundamentais entre ele e o presidente da Argentina, Carlos Menem, durante a entrevista coletiva que concedeu aos correspondentes da imprensa internacional, no auditório Nereu Ramos, da Câmara de Deputados. Uma delas seria sua irreduzível posição contrária à privatização de empresas estatais.